



Senhor Presidente

Senhoras e Senhores Deputados

Senhora e Senhores Membros do Governo

Está a iniciar-se o último ano da actual legislatura, o último ano deste Governo.

Por muito que não queira, por muito que pretenda prolongar no tempo o actual mandato, este Governo acaba em 2008.

Por muito que pareça difícil ao actual poder socialista dos Açores, a Democracia é assim.

Em respeito pelo Povo, pelo seu papel essencial na vida política da comunidade, não pode um Governo, que, de resto, até depende directamente de um Parlamento,

querer exercer a sua acção para além do tempo em que tem a obrigação e a legitimidade de o fazer.

Porém, nos Açores deste tempo, o Governo, fechado que está em si, no seu poder e na vontade de não o deixar, esquece que há os cidadãos eleitores, que, eles sim, determinam quem os há-de governar.

Por isso, assistimos ao ridículo e abusivo exercício de vermos um Governo a um ano de terminar funções, a um ano do sufrágio do Povo, a anunciar e reanunciar promessas e acções para daqui por três, quatro e mais anos.

Como se um Governo que, supostamente deveria ser de todos os açorianos, fosse um partido político, apenas de uma parte daqueles que tem a obrigação de considerar e respeitar, no que, de facto e lamentavelmente, acaba por ser.

Aos partidos políticos, do poder e da oposição, é legítimo que apresentem as suas ideias, projectos e



promessas para os mandatos a que se apresentam ao eleitorado.

Aos Governos exige-se que cumpram o que os partidos políticos apresentaram ao eleitorado. Apenas isso.

Mas, este Governo e o PS confundem-se de tal forma que nem este sabe onde começa, nem aquele sabe onde acaba, porque, no fundo, são uma e a mesma coisa, adulterando de forma irremediável o próprio funcionamento da Democracia.

Se o Governo acredita que os fumos da ilusão e da propaganda podem distrair e enganar os açorianos, também sabe que tudo isto é apenas uma forma ardilosa de assumir o seu próprio fracasso.

Porque, simplesmente, se tivesse cumprido o que os açorianos dele esperavam, se tivesse feito o que deveria, não tinha a necessidade de dizer que só vai cumprir, que só vai fazer o que deve, daqui por alguns anos, isto é, que só um próximo Governo, qualquer que seja a sua origem



partidária, irá poder cumprir aquilo em que este Governo assumidamente falhou.

Porque sabe que falhou no apoio aos idosos, afirma que para o próximo mandato irá ter mais atenção com este sector etário fundamental da nossa sociedade.

Porque sabe que falhou nos transportes aéreos, onde temos um serviço deficiente a preços exagerados, promete baixar as tarifas nos próximos anos.

Porque sabe que falhou num sector fundamental como a Educação, onde temos os maiores níveis de insucesso escolar, promete manuais escolares gratuitos para daqui a uns tempos.

Porque sabe que falhou na Saúde, onde cerca de 80.000 açorianos não têm médico de família e muitos desesperam nas listas de espera por consultas e cirurgias, vai prometendo que para o próximo mandato vai melhorar.

Porque sabe que falhou na Agricultura, que vai desaparecendo na medida em que o PS se prolonga no poder, vai prometer medidas para o próximo mandato.

Sabe tudo isto, mas continua preocupado apenas com o seu Futuro e ocupado a promover a sua preservação. É de facto, um Governo que só pensa em si.

Com efeito, este Governo continua apenas e só a promover a sua imagem, a pensar e a propagandear os milhões que recebe e os milhões que gasta, quando, pelo contrário, as Açorianas e os Açorianos cada vez têm menos dinheiro e condições para acorrer às suas necessidades.

É este, de facto, o grande mistério da governação dos Açores deste tempo: Quanto mais dinheiro tem o Governo, mais dificuldades têm as Pessoas.

Quanto mais milhões recebe e gasta, com superávites e déficits zero pelo caminho, mais problemas têm os cidadãos.

Quando assim é, algo vai mal.

De facto, não é por falta de meios que este Governo não apresenta resultados de sucesso.

De 2000 a 2006, os Açores receberam da União Europeia mais de mil e duzentos milhões de euros, o que equivale a cerca de 175 milhões de euros por ano e cerca de 480 mil euros por dia, isto é, os Açores receberam por dia, todos os dias do ano, da União Europeia quase cem mil contos por dia.

Os Açores receberam o triplo da média das regiões mais pobres da União Europeia.

Mas, apesar de tudo, o PIB per capita, o indicador mais fiável da criação de riqueza e do desenvolvimento de uma Região, continua a cair em relação à média da Europa.



Em 2002 representava 71% dessa média, em 2004 baixou para 66%, dois terços da média da União.

Também porque sabe tudo isto, o Presidente do Governo diz que o PIB agora não interessa nada, mas, mais uma vez, promete aumentar o PIB, lá para 2013...

Também porque sabe tudo isto, o Governo, ou melhor aquela parte do Governo, que nas palavras solidárias do seu Presidente é "*viciada em estatísticas*", conhecendo os números da nossa descida, faz mais uns malabarismos de terceira categoria e diz que estamos a convergir com o país.

Mas, o país está a descer, está a divergir das médias europeias.

Por isso, propagandear como uma grande coisa uma convergência com aqueles que estão a divergir, isto é, de uma aproximação àqueles que estão a descer, é, de facto, no mínimo, revelador do fracasso e das reduzidas expectativas deste Governo.

E é este o mistério, a Região recebe muito, recebe mesmo muito mais que as regiões mais pobres da Europa e de Portugal e não se desenvolve.

Mistério tanto mais grave quanto isso se sente na vida das pessoas, das famílias e das empresas.

É, também, demonstrativo do fracasso desta Governação o número de beneficiários de Rendimento Social de Inserção. Pois, propagandeia-se o sucesso da Governo e tem-se, contraditoriamente, como consequência a maior taxa de beneficiários do país.

Nos Açores a taxa da inflação é das mais altas do país e o nosso poder de compra é dos mais baixos de Portugal.

Fica, assim, mais este mistério: como é que pagamos menos IVA, exactamente para atenuar os custos da distância e da dispersão, mas os preços que os Açorianos pagam são mais altos.



Podem vir insistir que são os custos da insularidade, mas então estão também a assumir que falharam redondamente nas políticas de transportes.

O fracasso revela-se também em áreas em que o Governo sempre exultou sucesso, como é o caso absurdo dos transportes marítimos de passageiros e viaturas inter-ilhas, em que, mais uma vez, assumindo-se o insucesso, anuncia-se que, depois de 36 milhões de euros gastos, para o próximo mandato é que vai ter solução definitiva.

Também, ao nível de uma realidade essencial para a vida das pessoas como é o emprego, constata-se que, mesmo de acordo com os números deficientes do Governo, o desemprego está a aumentar nos Açores, por isso, também, reconhecendo que falhou a este nível, o Governo anuncia que vai criar postos de trabalho na próxima legislatura.

Um dos maiores problemas dos Açores é a desertificação da maioria das nossas ilhas.



Na maioria dos concelhos da Região perde-se população, perde-se actividade económica e social, enfim perde-se vida.

São mais os que desaparecem do que aqueles que nascem, são os jovens que partem e não voltam, são os mais velhos que não têm as condições de saúde que lhes permitam continuar nas suas terras, são os adultos na idade activa que vêem as suas ilhas definhar e a Esperança de melhores dias comprometida.

Depois do PSD ter introduzido na agenda política regional esta matéria, o Governo, também aqui assumindo o seu profundo falhanço, vem prometer medidas para o próximo mandato.

Porque sabe que falhou, o Governo, que não vai ser este a partir de 2008, porque, é bom lembrar, vai haver eleições entretanto, foi à Graciosa prometer e voltar a prometer aquilo que teve a oportunidade e não fez.

Aqui também revelando um dos seus sinais mais característicos: a arrogância. A lamentável arrogância que faz o Presidente do Governo ir a uma das nossas nove ilhas fazer pouco das justas reivindicações do seu Povo, caracterizando-as, em forma teatral, como “lamúrias” ou “momentos depressivos”.

No fundo, está tudo ligado. O Governo não quer saber se vai ou não vai haver eleições, porque promete como se continuasse a ser Governo, tudo porque não quer que haja oposição, não aceita a crítica, a denúncia, a exigência, o querer mais que é tão natural quanto necessário ao evoluir de uma sociedade.

Este Governo promete para 2009, aquilo que não foi capaz de cumprir, ou não soube resolver em 2005, 2006, 2007 e já se apercebeu que nem em 2008 consegue lá chegar.

Este Governo, nomeadamente o seu Presidente, arvora-se em eterno gestor dos Açores, que Governa há já 11 anos, arroga-se em dono “intemporário” das ilhas.



A “mexicanização” da política regional, ou actualizando, a “venezualização” da governação dos Açores, também conhecerá o seu fim. Tudo cansa. Tudo tem a sua validade.

Este Governo já está cansado, usado, recauchutado. Já perdeu a sua validade. Os cofres da Região já não vão chegando para comprar mais tempo de permanência de poder a todo o custo.

Estamos no último ano deste Governo, e pelo que tem feito e tem deixado por fazer, não se admirem os Açorianos de nos próximos tempos continuar a campanha eleitoral do PS feita pelo Governo, nas promessas de fazer isto e mais aquilo sempre e sempre mais, porque, no fundo, sabe que não fez.

Sempre com anúncios, sempre com propaganda, umas vezes com “novo ciclo”, outras vezes com “nova geração de políticas”, mas sempre a dizer: Agora é que é! Agora é que vai ser!.

Mas, então, e até agora!?

Tudo isto é a prova de que, até agora, falharam.

Por isso, o rol de investimentos que agora se apresenta, não é mais do que um rol de desculpas pelo que não se fez.

Obviamente que foram feitas coisas positivas. De resto, o PSD tem-no manifestado, ainda, mesmo, nesta Assembleia com o seu voto favorável a algumas medidas e aspectos parcelares. Mas, são mesmo e apenas isto, medidas e aspectos parcelares, porque falta uma estratégia integrada de desenvolvimento de promoção de políticas para as Pessoas.

Não bastam milhões e betão.

As obras, naturalmente, devem servir as pessoas. Mas, o que falta é o essencial: Políticas que façam com que

as pessoas vivam melhor, que tenham melhor saúde, melhor educação, que ganhem mais, que paguem menos.

E nos Açores como se vê e sente, o custo de vida é o mais elevado, os ordenados são mais baixos, os índices de desenvolvimento demonstram que vivemos pior, porque faltam políticas de saúde, de fixação de população, de transportes, de educação, de emprego, de criação de riqueza.

Em essência, faltam políticas para as Pessoas.

A política também se faz pela diferença. Por isso, o PSD assume, mais uma vez, a sua prioridade: as Pessoas.

Quando os Açorianos quiserem que o PSD seja Governo, não nos vamos preocupar com a preservação do poder pelo poder, com a imagem e os milhões que o Governo recebe e gasta à custa da qualidade de vida dos açorianos, pois estes estão sempre em primeiro e único lugar.



E são eles que decidem, no lugar e no tempo próprio.

É isto a Democracia e é para isto que existe a Política, com respeito pela diferença, e tendo como objectivo o Bem Comum de todos aqueles que constituem estas nove ilhas de mar e terra que só acabam na vontade de cada um.

Disse.

Horta, Sala das Sessões, 18 de Setembro de 2007